

Violência e/ou não-violência no sucesso do Movimento dos Direitos Civis: o nexó Malcom X-Martin Luther King Jr.

August H. Nimitz¹

Resumo: os protestos de massas não-violentos são com frequência considerados como os principais responsáveis pelas duas grandes conquistas legislativas, meio século atrás, do Movimento dos Direitos Civis: o *Civil Rights Act* (CRA), em 1964, e o *Voting Rights Act* (VRA), de 1965. Nesse artigo, argumento que é a combinação desse percurso e a ameaça de violência por parte dos afro-americanos que explicam integralmente essas duas vitórias. Uma leitura mais próxima dos textos e das ações de Martin Luther King Jr. e de Malcolm X é indispensável para o meu argumento. As evidências documentais também apontam de maneira convincente nesse sentido, no caso do CRA, a proposta feita pelo governo de John F. Kennedy (JFK) e a aprovação no Congresso. No caso do VRA, as evidências são mais circunstanciais, mas ainda assim convincentes, acerca da proposta feita pelo governo de Lyndon B. Johnson (LBJ) e a aprovação pelo Congresso. As evidências revelam que para a ameaça de violência ter sido verossímil, foi necessário violência real, como os eventos em Birmingham, Alabama, demonstraram. Tal violência, os “longos verões quentes” dos anos 1960, que começaram em Birmingham, provavelmente auxiliaram e facilitaram ganhos subsequentes nos direitos civis – uma história que tem lições potenciais para as lutas de hoje por igualdade social.

Palavras-chave: Direitos civis. Não-violência. Racismo.

¹ Professor de Ciência Política e de Estudos Africanos e Afro-americanos da Universidade de Minnesota. Artigo publicado pela primeira vez em *New Political Science*, vol. 38, n. 1, p. 1-22. Copyright © *Caucus for a New Political Science*, reimpresso com a permissão de *Taylor & Francis Ltd*, <http://www.tandfonline.com>, em nome de *Caucus for a New Political Science*. Agradecemos ao professor August H. Nimitz pelo empenho decisivo que viabilizou essa publicação. Tradução: Murillo van der Laan. Revisão: Agnus Lauriano.

Abstract: nonviolent mass protests are often considered as having been mainly responsible for the two major legislative gains of the Civil Rights Movement half a century ago – the 1964 Civil Rights Act (CRA) and the 1965 Voting Rights Act (VRA). In this article, I argue that it was the combination of that course and the threat of violence on the part of African Americans that fully explain those two victories. A close reading of the texts and actions of Martin Luther King, Jr. and Malcolm X is indispensable for my claim. The archival evidence, as well, makes a convincing case for the CRA, its proposal by the John F. Kennedy (JFK) administration and enactment by Congress. For the VRA, its proposal by the Lyndon B. Johnson (LBJ) administration and enactment by Congress, the evidence is more circumstantial but still compelling. The evidence reveals that for the threat of violence to have been credible, actual violence was required, as events in Birmingham, Alabama, demonstrate. Such violence, the “long hot summers” of the 1960s that began with Birmingham, probably aided and abetted subsequent civil rights gains—a story that has potential lessons for today’s struggles for social equality.

Keywords: Civil Rights. Nonviolence. Racism.

os fogos da frustração e da discórdia estão queimando em todas as cidades – de Norte a Sul – onde soluções legais não estão à disposição. Reparações são procuradas nas ruas, nos atos, nas passeatas e nos protestos, o que cria tensões e pode levar à violência e colocar vidas em risco.

John F. Kennedy, *Address on Civil Rights*, 11 de junho de 1963

Introdução

Em junho de 2009, no Cairo, o primeiro presidente afro-americano dos Estados Unidos, recém-empossado, discutiu um assunto, perante um público composto majoritariamente por pessoas jovens, que apenas ele, com certa credibilidade, poderia discutir: a

violência em oposição a não-violência na mudança social progressista. Barack Obama tinha em mente um público em particular. “Palestinos”, aconselhou ele, “devem abandonar a violência. A resistência através da violência e do assassinato é errada e não é bem-sucedida. Por séculos, os negros na América sofreram, enquanto escravos, com o açoite dos chicotes e depois com a humilhação da segregação. Mas não foi a violência que conseguiu direitos iguais e plenos. Foi a insistência pacífica e determinada em ideais que estão no centro da fundação da América [...] É uma história com uma simples verdade: a violência é um beco sem saída”.²

É indiscutível que a não-violência, ou mais precisamente a não-violência tática (uma distinção que será explicada abaixo), desempenhou um papel central na vitória do Movimento dos Direitos Civis (daqui em diante MDC). A superioridade moral que ela alcançou, obteve um apoio de massas tanto no âmbito doméstico quanto no internacional, o que foi decisivo para seu sucesso. Trabalhadores de todo os Estados Unidos e de outros lugares não foram apenas ganhos para a causa do movimento, foram também inspirados por ela.

Ainda assim, a violência figurou na vitória do MDC: a violência de seus inimigos. De fato, em momentos críticos, os organizadores do MDC empregaram ações diretas não-violentas para provocarem seus inimigos ao uso de violência flagrante e pública (Garrow, 1978; Sitkoff, 1981; Chong, 1991; Bermanzohn, 2000; McWhorter, 2001; Bryant, 2006). Os manifestantes conquistaram uma superioridade moral precisamente pela disciplina de sua resposta não-violenta àquela brutalidade. “Mãos ao alto, não atire!”, palavra de ordem que ficou famosa nos protestos não-violentos contra a brutalidade da polícia em Ferguson, Missouri, é um eco daquela tática.³

² Observações feitas pelo presidente na Universidade do Cairo. Disponíveis em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/remarks-president-cairo-university-6-04-09>

³ Voltarei ao Black Lives Matter na conclusão desse artigo.

Mas a violência teve importantes resultados de uma outra forma, que foi insuficientemente investigada. Se respeito e empatia foram as reações da maioria das pessoas ao MDC, as dos mandatários dos Estados Unidos podem ser resumidas em uma palavra: medo. A despeito da cuidadosa e heroica adesão inicial dos negros sulistas à não-violência, seu movimento de massas por igualdade – ao lado dos levantes frequentemente menos cordiais de milhões no mundo colonial – soou aos ouvidos dos governantes estadunidenses como as mesmas arrepiantes e sempre temíveis palavras: *os nativos estão impacientes*. É exatamente isso que motivou a incessante e diária interpretação feita pelo governo sobre os acontecimentos.

Meu argumento é o de que a violência afro-americana e/ou a ameaça de que ela pudesse ocorrer contribuem muito para explicar a resposta do governo.⁴ Também afirmo que os temores desse último não foram provocados somente pela situação doméstica. A arena internacional pesou muito em seu cálculo. Desde esses dois pontos estratégicos, os líderes estadunidenses sentiram-se compelidos a fazer concessões que originalmente não tinham a intenção de fazer.⁵ Decisivo, em outras palavras, para o sucesso do MDC foram os protestos pacíficos de massa e a potencial ameaça de violência inerente a eles.

Não houve dois indivíduos que se tornaram mais paradigmáticos da dicotomia e conexão da violência/não-violência do que Martin Luther King Jr. e Malcolm X. James Cone talvez tenha sido o primeiro a sugerir que os dois se contrapuseram um ao outro para a realização dos objetivos do MDC: “Martin e outros líderes dos direitos civis”, ele escreveu em 1992, “tiraram proveito em muitos de seus discursos e textos da ameaça do *Black Muslims* [Muçulmanos Negros] para

⁴ Charles Payne, em um ensaio, faz uma afirmação semelhante, mas não fornece nenhuma evidência para sustentá-la (Payne; Larson, 2006, p. 134).

⁵ Philip A. Klinkner e Rogers Smith (1999) também argumentam que ambos os fatores foram determinantes para explicar a resposta dos governantes estadunidenses. Diferentemente deles, argumento que o próprio movimento foi mais determinante.

fortalecerem seu próprio argumento sobre igualdade” (Cone, 1992, p. 264). Cone, entretanto, não detalhou como isso foi feito e, mais importante, como os mandatários estadunidenses interpretaram o que foi dito e feito; talvez esse seja o motivo de sua afirmação nunca ter sido tratada seriamente pela literatura acadêmica *mainstream* do MDC. Esse artigo toma a afirmação de Cone e oferece evidências para avançar, ao menos circunstancialmente, em seu apoio – sendo o primeiro a fazê-lo. Para tanto, faz-se necessária uma leitura mais acurada dos textos e ações de MLK-Malcolm X, assim como das evidências de como eles foram lidos pelos mandatários americanos. Fazê-lo é trazer a agência e a consciência de volta para a compreensão do MDC.⁶

Para argumentar nesse sentido, foco em um período chave do MDC, depois de seu nascimento quase uma década antes: da primavera de 1963 à primavera de 1965, de Birmingham à Selma. Mais protestos ocorreram nesse período, com maiores taxas de participação e um maior escopo nacional do que em qualquer outro momento na luta de mais de um século para conquistar igualdade política para os afro-americanos. As duas conquistas legislativas históricas que foram alcançadas no despertar desses protestos, o *Civil Rights Act* [Lei dos Direitos Civis] (CRA) e o *Voting Rights Act* [Lei dos Direitos Eleitorais] (VRA), testemunham o poder desencadeado naquele momento – exatamente 50 anos atrás. Para argumentar sobre a percepção da relação entre violência e não-violência no movimento, interrogo dois textos chaves do MDC e como eles interagem: *Letter from Birmingham Jail* [Carta da Prisão de Birmingham], de MLK e o discurso *The Ballot or the Bullet* [O Voto ou a Bala], de Malcom X. Argumento que as ações dos autores em ambos os textos são igualmente importantes. Ligo, pela primeira vez, os pontos entre as declarações e as ações das duas principais lideranças, protagonistas do movimento “Freedom

⁶ Argumentarei no final do artigo que a análise de Klinkner e Smith é um notável exemplo da ausência desses elementos. Fancis Fox Piven e Richard A. Cloward (1977), reconhecem a importância deles para o MDC, mas, infelizmente, Malcolm X e a *Nation of Islam* sequer são mencionados em sua análise.

Now [Liberdade Já]”, como se auto-intitulava, e as reações e respostas dos governantes estadunidenses. Para avaliar integralmente o que acontecia, é necessário referir-se à parte do contexto.

Rumo a Segunda Reconstrução

Historiadores e ativistas geralmente concordam que o boicote nos ônibus em Montgomery, Alabama, em 1955, lançou o que veio a ser chamado de MDC. O que tornou essa luta influente foi seu resultado bem-sucedido: a dessegregação do transporte público. O movimento nascente tinha agora uma vitória, a atenção nacional e um modelo potencial para confrontar o sistema Jim Crow em outros locais. Havia também produzido um possível líder nacional, o jovem reverendo Martin Luther King, Jr.

Montgomery tem suas raízes em outros acontecimentos, dentre eles o resultado da Segunda Guerra Mundial.⁷ Não é acidental que negros, que serviram nesse conflito lutando ostensivamente por democracia contra um regime flagrantemente racista, estavam frequentemente na linha de frente da luta contra Jim Crow nas comunidades para as quais retornaram – assim como seus colegas do Terceiro Mundo que ajudaram a liderar as lutas anticoloniais quando voltaram da Guerra. Aqueles submetidos aos poderes imperialistas – seus *wogs* e *niggers*⁸ – apoderaram-se das promessas por democracia (ao lado do treinamento que tiveram para o uso de força letal) e de maneira quase uníssona ao redor do mundo, decidiram que não iriam voltar às plantações [*plantations*].

O novo e muito aguardado livro de Charles Cobb Jr. (2014) *This Nonviolence Stuff'll Get You Killed: How Guns Made The Civil Rights*

⁷ Para uma explicação da emergência do MDC na perspectiva histórica mais ampla, ver McAdam (1999).

⁸ *Wog* é um termo pejorativo utilizado sobretudo na Grã-Bretanha para referir-se a pessoas do Oriente Médio, da região do mediterrâneo, da Índia e outras partes da Ásia. *Nigger* é o insulto racial dirigido a pessoas negras [N.T.]

Movement Possible confirma o que muitos de nós, que crescemos no Sul durante aquele período, sabíamos em primeira mão: o apoio que nossos pais e parentes deram ao direito a autodefesa armada (incluindo especialmente, é claro, aqueles que serviram na Segunda Guerra Mundial e na Coréia).⁹ Ademais, Cobb confirma pela primeira vez um rumor de longa data: a (malsucedida) solicitação de MLK ao direito ao porte oculto de armas. “Mas isso não o impediu de ter armas de fogo em sua casa” (Cobb Jr., 2014, p. 7). Um ativista “descreveu sua casa como ‘um arsenal’” (Cobb Jr., 2014, p. 7). As armas, MLK explicou, eram “apenas para autodefesa” (Cobb Jr., 2014, p. 7). Ele agia de acordo com uma longa tradição, que remontava ao apoio entusiasta que os escravos recém libertos deram à Segunda Emenda (que o presidente Andrew Johnson energicamente procurava negar a eles) (Amar, 2006, p. 390-391).¹⁰

Outro resultado da Segunda Guerra Mundial foi um novo confronto global: a Guerra Fria. Uma de suas consequências foi a batalha entre Washington e Moscou para ganharem para si os corações e mentes dos novos governos independentes da Ásia, do Oriente Médio e da África. Os negros estadunidenses não se sentiram apenas fortalecidos com africanos e asiáticos assumindo a liderança de seus próprios países, mas rapidamente aproveitaram também a oportunidade de enfraquecer Washington internacionalmente expondo seu próprio apartheid sulista, sabendo que o sucesso da campanha de Washington estava comprometido pela maneira com que era vista no trato de seus próprios cidadãos negros.

Brown vs Board of Education, a histórica decisão da Suprema Corte, em 1954, sobre a dessegregação das escolas, revelou a vulnerabilidade de Washington ao modo como as realidades raciais nos Estados Unidos afetavam sua imagem no exterior. O relatório submetido pelo

⁹ Bermanzohn (2000) antecipa as considerações de Cobb.

¹⁰ Sobre as ações de Johnson e a reação negra, ver Douglas R. Egerton (2014, p. 112, 165, 205, 240)

Departamento de Justiça sobre o caso era bem ilustrativo. A segregação racial teve “um efeito adverso sobre nossas relações com outros países. A discriminação racial forneceu grãos aos moinhos da propaganda comunista, e levantou dúvidas, mesmo entre nações amigas, sobre a intensidade de nossa devoção ao credo democrático”.¹¹ Não obstante o quão encorajados tenham sido os negros pela decisão da Suprema Corte, o duro fato é que, virtualmente, todas as escolas dos distritos sulistas foram capazes de resistir à implementação da dessegregação. Little Rock, no Arkansas, mostrou, em 1957, que isso só poderia ter sido feito, à contragosto, com as tropas federais, isso é, com armas.

O horroroso assassinato de Emmett Till, jovem negro de doze anos de idade, no Mississippi, por racistas brancos, em 1955, foi um evento de amplas consequências (Anderson, 2015). As centenas de trabalhadores negros, muitos deles membros de sindicatos, que apareceram em Chicago, segunda maior cidade dos Estados Unidos, para ver o corpo de Till mutilado, estimularam a autoconfiança e a determinação dos que eram então chamados de *American Negroes*. A questão era clara: eles estavam fartos. Não é coincidência que um semestre depois ocorreram os eventos em Montgomery. Mas se lá se demonstrou que, aparentemente, a Jim Crow e a violência que desencadeava poderiam ser desafiadas pela não-violência, a violência racista não terminou, no entanto, com a vitória em Montgomery. Colocava-se, portanto, novamente, a questão de se o caminho não-violento era a única direção do que cada vez mais passava a ser chamado de “*freedom now*”.

Acontecimentos em Monroe, na Carolina do Norte, entre 1957 e 1960, foram particularmente significativos. Robert Williams, diretor do comitê local da *National Association for the Advancement of Colored People* [Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor] (NAACP) e veterano da Marinha estadunidense, começou a defender o direito

¹¹ Ver o texto de Erin Miller disponível em: <http://www.scotusblog.com/2010/02/the-global-impact-of-brown-v-board-of-education/>.

à autodefesa armada, devido à violência da Ku Klux Klan contra o movimento que emergia. Ele provocou o que chegou perto de ser o único debate nacional organizado sobre a questão no interior e além do MDC. O periódico pacifista, *Liberator*, publicou sua defesa da questão em 1959 e convidou o agora amplamente visado herói de Montgomery a redigir uma resposta. MLK concordou que o nascente movimento por direitos iguais para negros seria recebido cada vez mais com violência e que poderia haver três respostas. Uma poderia ser a “não-violência pura”, mas isso “poderia não atrair imediatamente grandes massas, porque requer disciplina e coragem extraordinárias”. A segunda e “única orientação viável” implicava a “autodefesa”. Esse princípio, ele argumentou, “mesmo envolvendo armas e derramamento de sangue, nunca foi condenado, mesmo por Gandhi”. A terceira resposta, que ele acusava Williams de promover, “é a defesa da violência como uma ferramenta para o progresso, organizada deliberada e conscientemente como em uma guerra”, posição que deveria ser rejeitada (Williams, 1998, p. xxvii). A réplica de MLK, para além da tendenciosa distorção da verdadeira posição de Williams – essencialmente a mesma que a sua preferida segunda opção –, é reveladora. Claramente, ele não estava ligado à não-violência como um princípio ou como uma estratégia a ser praticada em todos os lugares e épocas, como geralmente se supõe. Ao invés disso, tomava a não-violência como uma tática, dadas as circunstâncias nas quais o movimento operava. MLK era, ao menos à época, um praticante da tática, ao invés da estratégia, que ele chamou de “não-violência pura” (Williams, 1998, p. xxiv).

Se forças moderadas como a de MLK distanciaram-se de Williams, as mais radicais o endossaram. Sem grandes surpresas, Malcolm X, o carismático porta-voz da *Nation of Islam* [Nação do Islã] (NOI), levantou fundos e abertamente providenciou armas para o clube da *National Rifle Association* [Associação Nacional de Rifles] de Williams, aberto desde 1957. Também não há grandes surpresas no fato de que, em 1959, J. Edgar Hoover, diretor do Federal Bureau of Investigation (FBI), abriu uma ficha sobre Williams, especialmente depois que este fez duas

viagens à Cuba revolucionária, naquele ano. O monitoramento de Williams pelo FBI foi endossado pela liderança nacional do NAACP. Sem dúvidas, esse último estava buscando um pretexto para removê-lo da presidência do comitê de Monroe e, convenientemente, encontrou tal pretexto nos comentários que Williams fez em resposta, frustrada, à mais recente absolvição judicial da violência racista contra negros em Monroe. “Violência”, ele amargamente concluiu, “tem de ser combatida com violência”.

Roy Wilkins, diretor nacional do NAACP, ofereceu a delegados da convenção de 1959 da organização a oportunidade de ter a palavra final sobre a remoção de Williams, mas somente depois de ter mobilizado suas “grandes armas”, incluindo MLK, para sustentar a decisão da liderança. Apesar de Wilkins ter saído vitorioso, os delegados também votaram a favor de uma resolução que Williams e seus apoiadores apresentaram a favor do direito à autodefesa armada: “nós não negamos, mas afirmamos o direito de indivíduos e coletivos se autodefenderem contra ataques ilegais” (Tyson, 1999, p. 164). Que a mais velha e mais calma das organizações por direitos civis pudesse assumir tal postura, registrava o grau em que a não-violência tática ressoava favoravelmente entre os negros.

Williams deixou os Estados Unidos, em 1960, graças a acusações muito questionáveis feitas contra ele por autoridades locais e federais. Estabeleceu-se em Cuba, de onde fez transmissões em ondas curtas para promover ações revolucionárias negras. À noventa milhas do litoral estadunidense, a “Cuba de Castro” era cada vez mais considerada pelos governantes dos Estados Unidos uma ameaça existencial. Que alguns jovens negros – incluindo eu mesmo, tenho de confessar – consideravam a perspectiva de Williams mais atrativa do que a de MLK, dava ao governo razões para tal preocupação. E que essa mesma juventude tivesse acesso a uma voz com uma mensagem similar, a voz de Malcolm X, não no exílio, mas presente e ativamente organizando nos Estados Unidos, era ainda mais ameaçador.

Quatro anos depois do vitorioso boicote dos ônibus em Montgomery, universitários negros assumiram a liderança. Os protestos sentados [sit-in] de 1960, em Greensboro, Carolina do Norte, e em Nashville, Tennessee, que desafiaram a Jim Crow nos estabelecimentos públicos receberam atenção nacional e se tornaram exemplos a serem emulados em outros lugares. Os protestos sentados assumiram uma nova forma, em 1961, com as *Freedom Rides* [viagens pela liberdade], um desafio à Jim Crow no transporte interestadual. Apesar da resposta frequentemente brutal que encontraram, os *freedom riders* [viajantes pela liberdade] permaneceram leais à doutrina da não-violência. Até 1963, no entanto, aquela campanha havia dado poucos sinais de sucesso. Isso também era verdade para a luta para integrar o transporte público em nível local. O sistema da Jim Crow nos velhos estados confederados permaneceu em grande medida inalterado desde a derrota da Reconstrução, em fins do século XIX. Líderes e seguidores do movimento, que já tinha quase uma década, cada vez mais se perguntavam: como poderemos levar adiante a Segunda Reconstrução?

“Se não fosse por Birmingham”

De fins de 1961 a cerca de meados de 1962, o MDC lançou uma intensa campanha em Albany, Geórgia, para desafiar a ordem racista desta. Mas terminou sem ter obtido qualquer concessão concreta; a tática da ação direta não-violenta da *Southern Christian Leadership Conference* [Conferência da Liderança Cristã do Sul] (SCLC) de MLK foi considerada como tendo sofrido, em grande medida, uma derrota (Eskew, 1997, p. 42-52). Fred Shuttlesworth, ativista de longa data pelos direitos civis em Birmingham, um pastor como MLK, mas, diferentemente do líder da SCLC, de origem proletária e temperamento combativo, apelou para que ele viesse à sua cidade e prometeu a ele a vitória tão necessária, caso ele aceitasse o convite. Shuttlesworth também subscrevia à tática da não-violência, mas em um estilo mais

conflituoso, como sua atuação em Birmingham havia demonstrado por mais de oito anos.

Diferentemente da campanha em Albany, Birmingham seria uma ação planejada sob a direção da SCLC, em aliança com Shuttlesworth e suas forças. Lançada em 3 de abril de 1963, a campanha reivindicou o fim das práticas da Jim Crow nas lojas do centro da cidade, maiores oportunidades de emprego para negros nessas lojas e o estabelecimento de um comitê birracial para planejar a dessegregação das escolas e de outras instalações públicas. À essa altura do MDC, os organizadores reconheceram que suas ações tinham de forçar o governo federal, a administração Kennedy, a intervir a seu favor – no melhor dos casos, ele havia, até ali, sido relutante com relação a tal intervenção. O projeto X, como foi chamado, empregava ação direta não-violenta, protestos sentados, piquetes e marchas na esperança de que uma reação violenta por parte da polícia de Birmingham (algo pelo qual seu delegado, Eugene “Bull” Connor, era há muito conhecido) atrairia a necessária atenção nacional. Mas depois de três semanas em que cerca de 300 manifestantes foram detidos, a campanha não parecia dar sinais de sucesso. Connor, de maneira inesperada e prudentemente, havia até ali se recusado a morder a isca.

Tornando as coisas ainda piores, a contra-campanha da velha guarda das lideranças negras procurava deslegitimar as ações da aliança de MLK-Shuttlesworth.¹² MLK e seu tenente na SCLC Ralph Abernathy decidiram que a detenção deles mesmos receberia a atenção necessária da mídia e mudaria as coisas. Em resposta a seus críticos, os “moderados” de Birmingham e de outros lugares, MLK, durante seus oito dias detidos, escreveu o que se tornaria a contribuição literária mais duradoura do MDC. *Letter from Birmingham Jail* [Carta da Cadeia de Birmingham] é basicamente uma defesa do direito dos oprimidos de protestarem através de meios não-violentos. Perto da

¹² Sobre a classe média negra, para a qual a ira de MLK estava direcionada, ver a autobiografia de Condoleezza Rice (2010).

metade desse ensaio de sete mil palavras, MLK pediu a seus críticos que considerassem o que seria a alternativa ao que ele defendia, uma passagem que não recebeu a devida atenção:

vocês falam de nossa atividade em Birmingham como sendo extrema. Inicialmente fiquei muito desapontado que colegas, membros do clero, viam meus esforços não-violentos como aqueles de um extremista. Comecei a pensar sobre o fato de que estou em meio a duas forças opostas na comunidade negra. Uma é a força da complacência, composta em parte por negros que, como resultado de longos anos de opressão, tiveram seu respeito próprio e sua percepção de “serem alguém” tão esvaziados que se ajustaram à segregação; e em parte alguns negros de classe média que tornaram-se insensíveis aos problemas das massas, por conta de seus títulos acadêmicos e sua segurança econômica e porque, de certa maneira, eles lucram com a segregação. A outra força é aquela da amargura e do ódio, e perigosamente aproxima-se da defesa da violência. Ela se expressa através de vários grupos nacionalistas negros que estão surgindo por toda a nação, sendo o maior e mais conhecido o movimento muçulmano de Elijah Muhammad. Alimentados pela frustração negra sobre a contínua existência da discriminação racial, esse movimento é formado por pessoas que perderam a fé na América, que repudiaram absolutamente o cristianismo e que chegaram à conclusão que o homem branco é um “demônio” incorrigível.

Eu tentei me colocar entre essas duas forças, dizendo que não precisamos nem emular o “não-fazer-nada” do complacente, nem o ódio e o desespero do nacionalista negro, uma vez que há o excelso caminho do amor e do

protesto não-violento. Sou grato a Deus porque, através da influência da igreja negra, o caminho da não-violência tornou-se parte integrante de nossa luta.

Se essa filosofia não tivesse emergido, estou convencido que a essa altura muitas ruas do sul estariam jorrando sangue. E estou ainda mais convencido de que se nossos irmãos brancos descartarem como “incitadores demagógicos” e “agitadores de fora” aqueles de nós que empregam ação direta não-violenta, e se eles recusarem apoiar nossos esforços não-violentos, milhões de negros irão, por frustração e desespero, buscar consolo e segurança nas ideologias nacionalistas negras, um desenrolar que levaria inevitavelmente a um aterrorizante pesadelo racial.¹³

Uma semana antes de redigir essas linhas, MLK apareceu em uma reunião aberta em Birmingham com a liderança do NOI no Sul, Jeremiah X. Com um braço no ombro desse e o outro no de um clérigo branco, ele disse “nós não amamos o que o irmão X defende, a supremacia negra [...], nós amamos nosso irmão branco e nós amamos a integração” (McWhorter, 2001, p. 335). Em outras palavras, MLK era sincero quanto a busca por uma alternativa à NOI e o que ele entendia como uma linha política violenta. Ao mesmo tempo, a meu ver, MLK utilizou nessas passagens a ameaça de violência por parte das “massas” plebeias negras para fazer avançar o Projeto X. É como se ele estivesse dizendo, em outras palavras: “Sou eu e meu caminho não-violento ou eles, o NOI e outros extremistas potencialmente violentos”. Argumento também que essa ameaça, como eventos subsequentes demonstraram, foram escutadas por ouvidos receptivos da classe dominante.

A despeito de entregue à imprensa em 18 de abril de 1963, a carta de MLK se tornou completamente pública somente um mês depois,

¹³ Disponível em: http://mlk-kpp01.stanford.edu/kingweb/liberation_curriculum/pdfs/letterfrombirmingham_wwcw.pdf.

justo no momento mais crítico da crise em Birmingham.¹⁴ Liberto da prisão, por fiança, junto com Abernathy, em 20 de abril, MLK, o resto da liderança da SCLC e Shuttlesworth fizeram planos para intensificar o enfrentamento – encher as prisões de Connor com crianças em idade escolar. O projeto C (de *Confrontation*) – ou a “cruzada das crianças”, como passou a ser chamado – mostrou-se decisivo para o resultado da batalha de Birmingham. A decisão de recrutar crianças, algumas com seis anos de idade, para irem para a cadeia era, compreensivelmente, controversa. Quando MLK questionou se isso era apropriado, Shuttlesworth, com sua usual sabedoria da classe trabalhadora, respondeu: “nós temos de usar o que temos” (McWhorter, 2001, p. 363).

Depois de uma semana de protestos, o SCLC alcançou o que nunca tinha conseguido antes: “isso marcou a primeira vez que o axioma de Gandhi ‘encha as cadeias’, da estratégia não-violenta, foi executado na América” (McWhorter, 2001, p. 398). A “cruzada das crianças” resultou em um aumento em dez vezes das prisões. E, mais importante, veio com as imagens inesquecíveis – possivelmente as mais memoráveis de toda a história do MDC – das mangueiras de Connor e dos ataques de cães aos manifestantes pacíficos, exatamente o tipo de enfrentamento que os organizadores tinham esperado. O resultado, com certo empurrão do governo Kennedy, foi um acordo entre os estabelecimentos comerciais do centro de Birmingham e a liderança da SCLC-Shuttlesworth que conquistou a maioria de suas demandas.

A intransigência de Shuttlesworth em momentos chaves da negociação foi determinante para a vitória. Durante quase toda a semana de enfrentamentos entre a polícia e os ativistas, tornou-se cada vez mais claro para ambos os lados que nem todos os negros estavam dispostos a tolerar a disciplina da não-violência. De fato, no segundo dia das ações, participantes e observadores responderam à polícia de diversas formas: “aqueles que tinham assentos à beira do ringue, no telhado de uma loja, fizeram chover tijolos, pedras e garrafas de

¹⁴ Sobre a questão do momento da publicação da carta ver Bryant (2006, p. 384); Eskew (1997, p. 245); McWhorter (2001, p. 355).

Coca nos homens de uniforme” (McWhorter, 2001, p. 371). De longe, Malcolm X ofereceu seu conselho: “nós acreditamos que se um cão de quatro ou duas patas atacar um negro ele deve ser morto” (McWhorter, 2001, p. 419). O homem de Kennedy no local, Burke Marshall, deu ao presidente detalhes sobre o risco crescente de violência. Isso levou à decisão do Procurador-Geral Robert F. Kennedy (RFK) de falar diretamente pelo telefone com Shuttlesworth para convencê-lo a aceitar o acordo. Na perspectiva de RFK, quanto mais tempo durassem os protestos, maiores as chances de uma resposta violenta à brutalidade de Connor. Precisamente por essa razão, “para evitar uma explosão perigosa e iminente”, as lideranças dos estabelecimentos comerciais do centro decidiram aceitar as demandas do movimento, como explicou o porta-voz dos empresários. Em seu relato na reunião aberta do movimento, MLK exclamou “sou grato a Deus por Fred Shuttlesworth” (McWhorter, 2001, p. 371, 419, 423, 424).

Até esse ponto da crise em Birmingham, o governo de JFK resistia em tomar qualquer ação formal para pôr um fim à Jim Crow, sob o argumento de que ele não tinha autoridade constitucional para o fazê-lo. Essa postura rapidamente terminou no dia depois do acordo. Quando a Ku Klux Klan local soube o que havia sido acordado, alguns de seus membros responderam violentamente bombardeando a casa e o motel onde MLK estava hospedado – uma fracassada, mas inequívoca, tentativa de assassinato. As massas negras que JFK e as elites políticas locais temiam, inundaram as ruas na noite de sábado de 10 de maio de 1963 – o primeiro dos “distúrbios” ou rebeliões dos anos 1960. Durante as próximas cinco horas, os negros tumultuaram uma área de 28 quarteirões, destruindo diversos carros de polícia e veículos privados, deixando no chão seis lojas e colocando fogo em uma casa de dois andares. “‘Que a porra toda da cidade queime’, gritava um dos manifestantes” (Bryant, 2006, p. 392).

A Casa Branca entrou em modo de combate militar, organizando uma reunião sobre a crise que incluía o Secretário da Defesa e o do Exército. Mas não foi a violência do Klan e a oposição deles ao acordo

a preocupação predominante. “Os negros”, relatava RFK, “são maus e durões [...] e tem armas e estão agitados com tudo isso [...] se houver outro incidente [...] outro bombardeio, por exemplo, outro incêndio, ou algo do tipo e atrair um grande número de negros, então a situação pode sair fora do controle [...] os sentimentos dos negros em geral e os relatórios que recebemos de outras cidades – não apenas no sul – é de que isso pode detonar muita violência em todo país, agora que os negros estão dizendo que eles têm sofrido abusos por todos esses anos e que eles começarão a seguir as ideias dos *Black Muslims*” (Bryant, 2006, p. 393). Seu irmão concordou e enfatizou a necessidade de defender o acordo como a única solução. “Nós não podemos”, disse JFK, “ter negros correndo por toda a cidade e ver, assim, esse acordo implodir” (Bryant, 2006, p. 392-393). Daí a decisão de colocar 18 mil soldados das tropas federais, em torno de Birmingham para, aparentemente, impedir “negros correndo por toda a cidade” (Bryant, 2006, p. 393). A operação Oak Tree, como foi chamada, “foi a primeira vez na memória moderna que as tropas federais foram chamadas para acalmar uma insurreição civil e não para fazer cumprir uma ordem judicial, como em Little rock (Arkansas, 1957) e Oxford (Mississippi, 1962)” (McWhorter, 2001, p. 443).

A referência de RFK aos “*Black Muslims*” ou NOI retoma o argumento de MLK em *Letter from Birmingham Jail*. Não se sabe se esse documento influenciou tais comentários. Mas o que revela, junto com declarações subsequentes, é que RFK aderira ao argumento ou-eu-ou-o-NOI de MLK. Por exemplo, em um esforço para que um grupo de editores de jornais do Alabama apoiassem o acordo de Birmingham, RFK disse a eles, em 14 de maio: “lembrem-se que foi King que percorreu casas de bilhares e foi de porta em porta coletando facas, dizendo às pessoas para irem pra casa e ficarem fora das ruas e para serem não-violentas [...] Se King perder, lideranças piores assumirão o seu lugar” (Bryant, 2006, p. 395). A noite de 10 e 11 de maio de 1963, concentrou as preocupações da classe dominante dos Estados Unidos como nunca antes.

Foi durante os inebriantes dias da Operação C, antes de 10 de maio, que o governo de JFK considerou pela primeira vez a ideia de uma legislação federal para tornar a Jim Crow ilegal. As imagens dos cães de Connor atacando manifestantes dos direitos civis e especialmente as repercussões internacionais forçaram o presidente a avaliar se ele havia feito o suficiente para solucionar a crise. “Concordo”, ele disse a um grupo de lobistas liberais um dia depois da publicação em 4 de maio, “se eu fosse negro, eu estaria irritado” (Bryant, 2006, p. 387). Mas apesar de sua declarada empatia pelos manifestantes, não foi a brutalidade que estes experimentaram nas mãos dos cães de Connor que finalmente o convenceu a propor tal lei, como Nick Bryant mostra, de maneira convincente, em *The Bystander: John F. Kennedy and the Struggle for Black Equality*:

foi a violência de 11 de maio dos negros sobre os brancos – e não a publicação, uma semana antes, da chocante fotografia – que representou o verdadeiro divisor de águas na posição de Kennedy e o ponto de inflexão da política de sua administração. Kennedy cresceu acostumado com ataques segregacionistas contra manifestantes dos direitos civis. Mas ele – junto com seu irmão e outros oficiais da administração – estavam mais preocupados com multidões negras descontroladas. Considerando as tensas conversas com seu irmão e com [Burke] Marshall naquela tarde [13 de maio], fica claro que foi esse o temor que o levou a reconsiderar sua proposta pelos direitos civis e, logo depois, a reivindicar medidas mais fortes (Bryant, 2006, p. 393).

Possivelmente nenhum encontro afetou tão fortemente RFK como o que ele teve, em 22 de maio de 1963, com um grupo de destacadas personalidades negras no apartamento de sua família em Nova York. Na reunião estava Jerome Smith, que fazia trabalho de base no movimento pelos direitos civis e que acabava de vir das trincheiras no Mississippi. Testemunha ocular e vítima do terror racista daquele

estado, Smith descarregou sua raiva com a relutância do governo em combater a Jim Crow. Às reclamações do Procurador-Geral sobre as dificuldades que enfrentavam para tal combate, Smith replicou: “você não tem ideia de qual é o problema [...] estou perto do momento de estar pronto para pegar uma arma [...] quero vomitar por estar na mesma sala que você” (Bryant, 2006, p. 402-403).¹⁵ RFK foi claramente surpreendido por esses e outros comentários feitos por Smith e deixou a reunião não apenas ofendido, mas estremecido. Somada à sua recente preocupação sobre a rápida disseminação dos protestos negros para outras cidades, tanto dentro como fora do Sul, ele se deu conta de que a raiva de Smith era sintomática de uma realidade mais ampla. “As estatísticas do governo mostram 758 manifestações e 14.733 detenções em 186 municipalidades nas dez semanas que se seguiram ao acordo de 10 de maio em Birmingham” (Branch, 1998, p. 84). “O presidente Kennedy”, relata Taylor Branch, “disse que havia manifestações até mesmo nas bases militares dos EUA no exterior!”.¹⁶ Era urgente uma ação decisiva por parte do governo Kennedy.

O vice-presidente Lyndon Johnson (LBJ) aconselhou o mesmo, em um discurso em 18 de maio de 1963: “do contrário, as manchetes trágicas dizem que a ruptura da lei e da ordem aumentará, ao invés de diminuir” (Bryant, 2006, p. 45). Dois dias depois, em uma reunião no Salão Oval, RFK falou sobre seus mais recentes temores:

se vocês observarem o país agora [...] deve haver dezenas de lugares que tem grandes problemas atualmente [...] vocês terão uma erupção [...] isso porque os negros agora estão tão hostis e furiosos que eles ficarão furiosos com tudo [...] todos os meus amigos dizem que as empregadas e os criados negros estão ficando hostis. Ela disse “você não sabe como eles estão grosseiros comigo em casa” (Bryant, 2006, p. 400).

¹⁵ Para mais detalhes sobre o encontro, ver Charles Euchner (2010, p. 119-121).

¹⁶ Ver www.c-span.org/video/?318483-1/president-johnson-martin-luther-king-jr.

O surto de Jerome Smith em Nova York, dois dias depois, confirmou seus piores temores.

Depois de um encontro com Marshall e outros membros de sua equipe, em 01 de junho de 1963, JFK decidiu propor uma importante lei para colocar um fim à Jim Crow. No mesmo dia, grampos do FBI captaram a proposta de MLK sobre uma nova rodada de protestos. A “ameaça em si”, disse MLK, “pode assustar tanto o presidente, a ponto de ele ter de fazer algo” (Bryant, 2006, p. 404). É incerto que a proposta de JFK foi motivada pelo que o FBI escutou MLK dizer. Os eventos do mês anterior foram provavelmente mais determinantes. Mas, de qualquer forma, JFK respondeu, dizendo a um grupo de empresários em 4 de junho: “nossa preocupação é para que não tenhamos nos próximos meses uma batalha nas ruas da América” (Bryant, 2006, p. 416). À Conferência de Prefeitos dos Estados Unidos, em 9 de junho, ele alertou sobre a disseminação de protestos pelos direitos civis em toda a nação: “os estudantes não estarão nas faculdades ou nos colégios [...] um grande número de negros não estará no trabalho [...] e as elevadas temperaturas do verão são frequentemente acompanhadas de uma elevação das emoções humanas [...] levando a um aumento da pressão e da tensão e levando a uma possível violência [...]” (Bryant, 2006, p. 411).

Na ocasião da vitória de 11 de junho contra o governador do Alabama George Wallace, em um embate sobre os direitos civis (a integração na Universidade do Alabama), JFK decidiu anunciar em rede nacional de televisão a lei histórica que iria submeter ao Congresso. Ele pediu ao Congresso que fizesse três coisas: pusesse um fim à Jim Crow em estabelecimentos públicos; autorizasse o governo federal a ser mais ativo na dessegregação das escolas; e que aderisse a uma “maior proteção” ao direito ao voto. A dessegregação de estabelecimentos públicos era claramente o coração da proposta, a coisa certa a se fazer, “uma questão moral” – o discurso é mais lembrado por essa questão. Mas, a meu ver, o verdadeiro motivo de JFK era colocar um fim aos

protestos.¹⁷ Por sete vezes, no discurso de 13 minutos, aparecem “ruas” e/ou “protestos nas ruas”. Nenhum outro tema aparece com tanta frequência. E foram os “eventos em Birmingham” que causaram a difusão dos protestos para outros lugares. As manifestações, segundo Kennedy, “tem o risco da violência”, o segundo tema mais repetido naquele do discurso, mencionado três vezes. A segunda invocação da violência não deixava dúvidas: “os fogos da frustração e da discórdia estão queimando em todas as cidades – de Norte a Sul – onde soluções legais não estão à disposição. Reparações são procuradas nas ruas, nos atos, nas passeatas e nos protestos, o que cria tensões e pode levar à violência e colocar vidas em risco”. Diane McWhorter (2001, p. 464) argumenta que “em muitos aspectos, a mensagem era uma resposta a *Letter from Birmingham Jail* de Martin Luther King, que havia sido enviada privadamente para o governo”. Concordo com tal constatação se McWhorter estiver aludindo à seção da *Letter* que discuti acima, na qual MLK emprega a ameaça de violência para argumentar a favor da Operação X. A “frustração e a discórdia” de JFK, são, a meu ver, “frustração e desespero” de MLK.

Oito dias depois, JFK submeteu formalmente sua proposta ao Congresso, com a mesma justificativa: “semana passada, dirigi ao povo americano um apelo à sua consciência [...] nos dias que se seguiram, a previsão de um aumento da violência foi tragicamente confirmada. Os ‘fogos da frustração e da discórdia’ estiveram mais quentes do que nunca” (Bryant, 2006, p. 427). JFK se reuniu, em 22 de junho, com lideranças pelos direitos civis, incluindo Shuttlesworth, para discutir as perspectivas do projeto e brincou: “não penso que vocês devam ser tão duros com Bull Connor. No final das contas ele fez mais pelos direitos civis do que qualquer outra pessoa” (Eskew, 1997, p. 312). Esse humor disse muito sobre qual era seu entendimento acerca da origem do projeto. “Shuttlesworth escutou o presidente dizer algo diferente:

¹⁷ Em uma reunião no Salão Oval, em 20 de maio, ele chegou a propor uma lei para banir as manifestações, mas rapidamente retirou a proposta, sob os conselhos de Marshall (Bryant, 2006, p. 400).

‘se não fosse por Birmingham, não estaríamos aqui hoje’” (Eskew, 1997, p. 312).

Entre Birmingham e Selma

Em 26 de julho, no décimo aniversário do início da revolução cubana, Fidel Castro, perante um público de centenas de milhares em Havana, falou de

solidariedade e fraternidade para com a população negra dos Estados Unidos (aplausos), que tem a nossa simpatia (aplausos). Uma população que tem sido vítima de uma brutal repressão. Nós vimos as fotografias de como eles usam cães ferozes contra cidadãos negros, um símbolo do que a democracia representativa defende. O que é a causa disso? Esse ódio contra a população negra é gerado pela escravidão. Quem manteve esse ódio vivo? O capitalismo. A discriminação permanecerá enquanto houver exploração do homem nos Estados Unidos.¹⁸

A solução de Castro:

Deixem que as lideranças negras venham para cá, deixem que venham à Cuba para ver uma sociedade sem discriminação (aplausos). Deixem as lideranças negras verem como a discriminação é eliminada. A discriminação é eliminada eliminando a exploração do homem pelo homem. É claro, eles não querem deixar que eles venham. Eles não querem deixar que vejam a revolução.¹⁹

¹⁸ Disponível em: <http://lanic.utexas.edu/la/cb/cuba/castro.html>

¹⁹ Ibid. Afro-americanos viajaram, de fato, a Cuba para verem por eles mesmos o que Castro divulgava. Ver Ruth Reitan (1999).

Ainda sofrendo o impacto de seu confronto com Castro sobre os mísseis soviéticos, a última coisa que a administração de JFK precisava naquele momento era que a Revolução Cubana, há 90 milhas de seu litoral, se propagandeasse como um modelo atrativo para a América Negra. É incerto quão sério foram levados os apelos de Castro. Mas havia muitas razões para se preocuparem, como RFK descobriu em seu encontro, mencionado anteriormente, com Jerome Smith, dois meses antes. Além de dizer que estava disposto a “pegar uma arma”, “Smith disse que não se sentia realmente como um cidadão dos Estados Unidos. Se ele fosse convocado para uma Guerra em Cuba [...] ele não iria. ‘Como você espera que eu lute por democracia lá [...] quando o governo não luta por democracia no Sul?’[...] Robert Kennedy ficou chocado” (Euchner, 2010, p. 121). Novamente, isso foi apenas oito meses depois da ameaça dos Estados Unidos de uma invasão à ilha por conta da questão dos mísseis – uma ameaça que ainda estava sobre a mesa (Gleijeses, 2002, p. 23-25). A posição de Smith sugeria que uma invasão poderia estar comprometida pela divisão racial interna.

Quando JFK descobriu que as lideranças dos direitos civis planejavam uma massiva e não-violenta *Marcha em Washington por Empregos e Liberdade*, em 28 de agosto, ele tentou dissuadi-los. A preocupação primeira é que poderia provocar violência. Malsucedido seu apelo, o governo de JFK, como havia feito durante a operação Oak Tree, entrou em modo de combate militar:

a maior concentração militar em tempos de paz da história americana. Na manhã de 28 de agosto, cinco bases militares nas redondezas da capital estavam em intensa atividade – fortemente armada, uma força tarefa de 4 mil soldados [...] no Forte Bragg, na Carolina do Norte, 15 mil Forças Especiais foram colocadas de prontidão, atentas para qualquer sinal de problemas (Bryant, 2006, p. 8).²⁰

²⁰ Ver também: www.c-span.org/video/?193086-1/words-nick-bryant.

O Pentágono “montou uma ‘sala de guerra’, com uma linha de telefone ligada à Casa Branca” (Bryant, 2006, p. 8). Prepararam-se para cada evento violento ou potencialmente violento. Se um orador parecesse estar incitando a multidão à violência, um oficial do Departamento de Justiça no palco deveria correr ao pódio, cortar o microfone e “colocar um disco de Mahalia Jackson cantando ‘He’s got the whole world in his hands’” (Euchner, 2010, p. 162).

A mais conhecida dessas ações preventivas nos bastidores tinha a ver com o discurso de John Lewis, líder do *Student Nonviolent Coordinating Committee* [Comitê de Coordenação Não-Violenta Estudantil] (SNCC). Sua organização era frequentemente considerada como a tropa de choque do MDC e sofreu algumas das piores violências que os racistas perpetraram. Quando a Casa Branca descobriu que Lewis iria não apenas condenar o histórico nada brilhante de Washington para suprimir tal brutalidade, mas defender uma postura mais radical do MDC, tentou imediatamente censurar seu discurso. Solicitou que duas sentenças fossem removidas: 1) “O sr. Kennedy está tentando tirar a revolução das ruas e levá-la para os tribunais. Escute sr. Kennedy, escutem srs. Congressistas, escutem concidadãos, as massas negras estão em marcha por empregos e por liberdade e nós devemos dizer aos políticos que não haverá um período de ‘calmaria’”, e 2) “nós iremos marchar pelo Sul, por Heart of Dixie, como o [general William Tecumseh] Sherman fez. Nós seguiremos nossa própria linha de ‘terra arrasada’ e queimaremos a Jim Crow até que vire pó – não-violentemente” (Euchner, 2010, p. 150-154, 164-166). Sobre grande pressão dos principais organizadores da marcha, Lewis concordou com os cortes. Mas, caso ele não o fizesse, o Plano B seria implementado, com a gravação de Mahalia Jackson. No fim das contas o dia transcorreu praticamente sem violência. A auto-organização da marcha se mostrou efetiva.

A orientação não-violenta do MDC foi desafiada, novamente, uma semana depois, com o bombardeio da sede da Operação C, a Igreja Batista da Rua Dezesesseis, que resultou na morte de quatro

crianças negras que estavam na escola dominical. O crime foi tão atroz que mesmo vozes calmas como a de Roy Wilkins, do NAACP, passaram a questionar a sensatez da não-violência: “a menos que o governo federal ofereça mais do que ‘ajuda pontual e de pouco valor contra esse tipo de bestialidade’, os negros irão ‘empregar tais métodos, na medida em que o desespero irá ditar a defesa das vidas de nosso povo’”.²¹ Duas lideranças religiosas foram mais diretas: o crime, disse o reverendo Gardner C. Taylor, “força uma reavaliação, por parte de cristãos sérios, de toda a doutrina da não-violência, exceto como uma abordagem tática para determinadas situações”.²² O bispo C. E. Tucker, líder da Igreja Metodista Episcopal Africana, afirmou: “a filosofia Gandhi [sic] da não-violência em situações desse tipo parece impotente e ineficaz. Como um dos bispos que preside uma igreja que agrupa um milhão de membros – 70 mil desses residindo na Geórgia, no Alabama e no Mississippi – faço um chamado para que nossos afiliados nesses estados, aqui e agora, armem-se para repelir qualquer violação ilegal sobre suas pessoas, sobre a privacidade de seus lares ou sobre a santidade de suas instituições. A mesma advertência aplica-se a nossos membros no Kentucky [onde ele publicou essa declaração]”.²³ A indignação deles contrastava com a resposta do governo de JFK, no geral tímida.

Uma coisa foi introduzir o CRA de 1964, outra foi aprova-lo no Congresso. Apenas depois do assassinato de JFK, em 22 de novembro de 1963, é que a proposta começou a avançar pelo labirinto legislativo. LBJ, sucessor de Kennedy, usou astutamente o luto nacional, desde seu início, para esse fim. No entanto, não há razão para assumir que a violência ou a ameaça de violência teve um papel menor na aprovação da lei do que na decisão de JFK de enviá-la ao Congresso. Ambos os fatores motivaram o novo presidente tanto quanto seu predecessor

²¹ *The Militant*, n. 27, 23 de setembro de 1963, p. 5.

²² *Ibid.*, 7 de outubro de 1963, p. 2.

²³ *Ibid.*

na proposta que havia enviado na primavera anterior (Bryant, 2006, p. 404-411). Desse momento em diante, a investigação dos arquivos é mais escassa sobre esse tópico, com relação ao governo de LBJ e o Congresso.²⁴ Nós devemos, portanto, nos apoiar em evidências mais circunstanciais.

Com exceção de algumas figuras (incluindo o escritor James Baldwin, um dos organizadores da reunião com RFK), o trauma do assassinato de JFK levou os principais líderes dos MDC a declararem uma moratória aos protestos. Elijah Muhammad, líder do NOI e, portanto, o superior de Malcolm X, declarou uma moratória similar até o fim do ano. Foi somente depois de meados de dezembro que o MDC realizou um grande protesto, em Atlanta, Geórgia. Essa ação continuou durante o ano novo e foi acompanhada de levantes em Nova York e Cleveland, na forma de greve de aluguéis e reivindicações de dessegregação das escolas. Em março de 1964, Malcolm X havia rompido com a NOI, em parte devido a um comentário controverso que ele fez em dezembro sobre o assassinato. No *Militant Labor Forum* do *Socialist Workers Party* (SWP), em 16 de março de 1964, ele anunciou que queria ser mais politicamente engajado com a luta negra, o que a NOI não permitiria – notícias que não foram bem recebidas nem pelo FBI nem pela Casa Branca. Não é acidental que o FBI passou a intensificar seu recém instituído *Counter Intelligence Program* [Programa de Contraineligência] (COINTELPRO), projetado para desestabilizar as atividades do SWP e de outras organizações consideradas subversivas. O fato de que o SWP defendia ativamente a Revolução Cubana era ainda mais ameaçador.

Como os esforços no Senado para passar a lei dos direitos civis estavam indo no sentido de uma paralisação, devido a obstrução de um democrata sulista, Malcolm X fez um importante discurso

²⁴ Clay Risen (2014) e Todd S. Purdum (2014) são as análises mais recentes sobre como a proposta se tornou lei. A interpretação deles desse processo, no entanto, assim como as origens da própria proposta, ignora amplamente a evidência que emprego para argumentar acerca do papel desempenhado pela violência ou ameaça de violência.

em 3 de abril de 1964, na cidade de Cleveland, no qual ele detalhou sua nova orientação. Uma semana antes, ele havia testemunhado as obstruções do senador, desde a galeria do Senado, uma experiência que havia aparecido significativamente em suas observações.²⁵ A um público entre duzentas e trezentas pessoas, majoritariamente afro-americanas, em um evento patrocinado pelo *Congress of Racial Equality* [Congresso da Igualdade Racial] (CORE, uma dentre as quatro principais organizações pelos direitos civis) ele iniciou com a questão que constava na divulgação do evento “A revolta negra e para onde vamos a partir daqui?” ou “quais os próximos passos?” “Na forma bem modesta que entendo a questão”, Malcolm disse, “ela aponta para o voto ou para a bala”.²⁶ Com isso, ele queria dizer que se os negros não conquistassem sua liberdade através do processo eleitoral, eles teriam o direito a recorrer à luta armada. Considerando o que ocorria no Congresso naquele momento, é compreensível que “a bala” era o foco de suas conclusões:

se um negro, em 1964, tem de esperar sentado por um senador branco falastrão, obstrucionista aos direitos das pessoas pretas, por que você e eu deveríamos nos afundar em vergonha? Vocês falam da Marcha sobre Washington, de 1963; vocês não viram nada. Tem mais coisas acontecendo em 64.

E dessa vez eles não irão como foram no ano passado. Eles não irão cantando “We Shall Overcome”. Eles não vão com amigos brancos. Não vão com placas que já estão pintadas para eles. Não vão com passagens de ida e volta. Irão com passagens apenas de ida. E se eles não querem que um exército não-não-violento vá até lá, diga a eles para conterem o obstrucionista. Os

²⁵ A única vez que Malcolm X e MLK se encontraram foi quando ambos, por acaso, estavam no congresso observando a atuação do obstrucionista, o que foi capturado em uma fotografia muito divulgada.

²⁶ Disponível em: http://www.edchange.org/multicultural/speeches/malcolm_x_ballot.html

nacionalistas negros não vão esperar. Lyndon B. Johnson é o líder do Partido Democrata. Se ele é a favor dos direitos civis, deixem-no ir até lá denunciar a seção sulista de seu partido. Deixem-no ir até lá, agora mesmo, para assumir uma posição moral – agora mesmo, não depois. Digam a ele para não esperar até o próximo período eleitoral. Se ele esperar muito, irmãos e irmãs, ele será o responsável por permitir que se desenvolvam nesse país as condições que criarão um clima de onde brotará sementes que tem uma vegetação nas quais, em sua extremidade, há algo que essas pessoas nunca sonharam. Em 1964, ou é o voto ou é a bala.²⁷

Conscientemente ou não (provavelmente não), o discurso de Malcolm X *The Ballot or the Bullet* foi um complemento necessário à ameaça ou-eu-ou-eles de MLK em sua *Letter from Birmingham Jail* – necessário para tornar crível a ameaça. O relatório do FBI “teve como foco, dois de seus argumentos centrais: que a lei pelos direitos civis, sendo obstruída no Senado, ou não iria passar ou, se assinada pelo presidente Johnson, não seria implementada; e que os afro-americanos deveriam formar clubes de armas” (Marable, 2011, p. 304). De fato, ele instou o público para que buscasse inspiração nas experiências das “guerras de guerrilha” na África, na Ásia e na América Latina. Mesmo o Senador Hubert Humphrey, tentando frustradamente conduzir a lei pelo Senado, “ponderou, de maneira sombria, sobre as perspectivas de uma violência racial generalizada no próximo verão: ‘há um sentimento de rancor e de rebelião explícita que poderá resultar em pequenas Argélias [i.e. revoluções] por todo o país” (Risen, 2014, p. 190). Com relação a América Latina, Malcolm X tinha, claramente, Cuba em mente. Muito antes de seu discurso, quando ainda membro da NOI, ele havia apoiado a revolução cubana e se encontrado uma vez com Fidel Castro. Sua admiração pela revolução havia crescido desde que deixou a NOI, junto com seus esforços para que as práticas

²⁷ Ibid.

racistas dos Estados Unidos fossem condenadas internacionalmente, especialmente na África. Tudo isso era bem conhecido e documentado pelo FBI.

O obstrucionista foi, eventualmente, contido e LBJ assinou o CRA, em 2 de julho de 1964. A despeito desse ganho histórico, logo se manifestou o descontentamento no interior da América Negra, que Malcolm X havia, de maneira precisa, indicado. Duas semanas depois, uma rebelião de 3 dias ocorreu no Harlem, Nova York, e então se espalhou por Brooklyn, Rochester, Jersey City, St. Louis e pelos subúrbios de Chicago. A brutalidade da polícia, ou as alegações de brutalidade da polícia, foram o estopim em quase todos os casos. A esperança das elites dominantes de que a aprovação do CRA compraria a paz interna foi seriamente questionada. Não obstante, o descontentamento organizado na forma de protestos não-violentos por direitos civis diminuiu amplamente durante a segunda metade daquele ano, mesmo com a violência contínua que os ativistas enfrentavam, como o sequestro e o assassinato de três trabalhadores pelos direitos civis naquele verão, no Mississippi. Isso se deveu principalmente pela decisão da liderança do MDC de chamar uma moratória aos protestos com a aproximação das eleições para presidente e outros cargos, em novembro. A perspectiva do mal menor, do qualquer-um-menos-(o candidato republicano Barry)-Goldwater, tornou-se hegemônica entre as forças progressistas. A moratória também significou que a administração de LBJ poderia levar a cabo seu novo projeto intervencionista no sudeste asiático, relativamente sem oposição. Com o fim das eleições, entretanto, a paz que o governo teve logo evaporou, o que teve implicações domésticas e internacionais.

Não vi nada publicado que pudesse ser uma evidência de que a ameaça de violência no discurso *The Ballot or the Bullet*, de Malcolm X, tenha desempenhado qualquer papel no fim da obstrução do CRA no Senado. Mas é significativo que, primeiro, uma liderança afro-americana, muito presente no radar dos governantes estadunidenses, emitisse tal ameaça relatada pelo FBI e, logo depois, a principal figura

congressista responsável pela aprovação da lei aparentemente temesse que seu fracasso levasse a revoltas civis. Uma pesquisa detalhada nos arquivos do Congresso, da Casa Branca e do FBI poderá determinar a extensão da influência do discurso.

“Saíam de Saigon, vão para Selma!”

O fracasso do CRA em enfrentar efetivamente a negação dos direitos eleitorais da maioria da população negra nos velhos estados confederados significou que o MDC tinha questões não resolvidas em sua agenda. “Ao fim do *Mississippi Freedom Summer* [do SNCC], em 1964”, por exemplo, “depois de linchamentos, tiroteios, espancamentos, detenções, despejos, disparos, somente 1.600 novos eleitores haviam sido registrados no estado – apenas 0.4% dos negros não registrados”.²⁸ Particularmente notório era um grupo de condados no Alabama, onde a população negra era a maioria (ou quase) da população. No condado de Dallas, cuja sede era Selma, menos de 2% dentre todos que eram aptos foram registrados para votar.²⁹ Em Lowndes, condado ao lado, nenhum negro havia sido registrado.³⁰ Processos do Departamento de Justiça para mudar a situação se mostraram ineficazes. A liderança do MDC decidiu concentrar-se em Selma e no condado de Dallas e de lá fazer crescer o movimento. Uma luta em Selma, onde havia uma força policial particularmente violenta, poderia forçar o governo federal a fazer pelos direitos eleitorais o que Birmingham e Bull Connor o tinham levado a fazer pela luta para pôr um fim à Jim Crow em estabelecimentos públicos.

Em primeiro lugar, um obstáculo legal deveria ser confrontado. Uma ordem publicada em meses anteriores praticamente baniu a liberdade de reunião. Ela “estipulava que se três ou mais das pessoas

²⁸ Disponível em: <http://www.crmvet.org/tim/timhis65.htm#1965Selma>.

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid.

nomeadas, ou outros membros das organizações nomeadas”, isso é, lideranças negras e suas organizações, “se reunissem, elas poderiam ser detidas e encarceradas” (May, 2013, p. 39). Nenhuma campanha pelos direitos eleitorais poderia ser bem sucedida, a menos que a ordem fosse contestada. Isso ocorreu em 2 de janeiro de 1965, quando setecentos negros se reuniram aos arredores da Capela Brown da Igreja Episcopal Metodista Africana, naquela noite de domingo, para escutar MLK anunciar o lançamento da campanha. Eram muitas as pessoas para a polícia deter e encarcerar.³¹

Com essa vitória no bolso, o movimento então se organizou para questionar o processo de registro eleitoral, uma corrida de obstáculos projetada para impedir que a população negra votasse. O 18 de janeiro de 1965, próxima data em que a repartição para o registro de eleitores do Condado de Dallas abriria para inscrições – o que fazia apenas duas vezes por mês –, era uma oportunidade óbvia. A partir de então, por aproximadamente seis semanas, mais de 4 mil manifestantes foram detidos por simplesmente tentarem exercer seu direito de se inscreverem como eleitores.³² Aquela campanha forneceu algumas das imagens mais marcantes do MDC, precisamente por conta da reação brutal do xerife James Clark e seu bando de duzentos policiais, com infiltrados da Ku Klux Klan. Em 25 de janeiro, por exemplo, o comportamento abusivo de Clark provocou a resposta de Annie Cooper, então com cinquenta e quatro anos de idade, com um golpe que colocou Clark, mais alto que ela, de joelhos. Como ela mais tarde descreveu, “Jim Clark não conseguiu me derrubar sozinho [...] [ele] e eu estávamos lutando golpe a golpe, soco a soco, pancada a pancada, com nossos punhos [...] De repente, ele gritou a seus ajudantes: ‘você não estão vendo essa mulher negra [nigger] me batendo? Façam alguma coisa’. Com o clamor do xerife, os outros vieram ajuda-lo. Todos os quatro

³¹ Civil Rights Movement Veterans, “Breaking the Selma Injunction”.

³² Ibid., “Marching to the Courthouse” and “The Teachers March.”

me encurralaram”.³³ Apesar de subjugada e severamente brutalizada, Annie se tornou instantaneamente a heroína do movimento, a despeito de ter quebrado a disciplina deste, que dizia para “oferecer a outra face” quando provocada. Sem dúvidas, os agentes do FBI presentes notaram o que ela havia feito, como aquilo tinha sido recebido e o que potencialmente representava – um possível replay daquela fatídica noite de sábado/manhã de domingo, em maio de 1963 em Birmingham.

Uma vez que, depois de algumas semanas, a campanha havia feito pouco progresso no número de pessoas de fato registradas, os organizadores decidiram, como em Birmingham dois anos antes, intensificar a ação direta fazendo com que MLK e seu tenente Ralph Abernathy fossem presos, em 1 de fevereiro. A esperança era que, como na ocasião anterior, isso atrairia a necessária atenção nacional, incluindo aquela proveniente da Casa Branca. Alguns dias depois, mais detenções ocorreram, o que encheu de manifestantes as cadeias de Selma.

Esse foi o contexto no qual Malcolm X veio à cidade. Depois de discursar para uma multidão de 3 mil pessoas, que excedia o espaço do Instituto Tuskegee, uma histórica faculdade negra a 100 milhas ao leste, os organizadores do SNCC Faye Bellamy e Silas Norman insistiram que ele falasse para os jovens ativistas em Selma.³⁴ Na capela Brown, no dia seguinte, em 4 de fevereiro, ele realizou, primeiro, uma coletiva de imprensa improvisada e, então, falou para 300 jovens engajados nas ações para registrar eleitores (Malcolm X, 2005, p. 26). À questão de um repórter sobre a campanha, Malcolm X respondeu:

devo ressaltar que sou 100% a favor de qualquer esforço feito pela população negra desse país para ter acesso ao voto. E eu francamente acredito que, uma vez que o voto é nosso por

³³ Civil Rights Movement Veterans, “Annie Cooper and Sherriff Clark”. Ver também May (2013, p. 64-65).

³⁴ No Quinquagésimo Aniversário da VRA Conference, a veterana do SNCC Martha Prescod Norman Noonan confirmou tal iniciativa.

direito, estamos em nosso direito ao usar quaisquer meios necessários para assegurar-lo. E eu penso que as pessoas nessa parte do mundo fariam bem se escutassem o Dr. Martin Luther King e dessem a ele o que ele pede, e dessem rápido, antes que outras facções venham e tentem fazer as coisas de outra forma. O que ele pede é certo. Isso é o voto. E se ele não conseguir da forma como está tentando, então será conseguido de uma forma ou de outra [...] o dr. King e seus seguidores estão, de maneira muito inteligente, tentando impressionar as pessoas dessa região para que elas deem ao homem negro o direito ao voto. Agora, se as pessoas dessa região não são inteligentes o suficiente para reconhecerem essa abordagem inteligente, então penso que a inteligência das pessoas negras dessa área irá compeli-las a conceber um outro método que irá dar resultado (Malcolm X, 2005, p. 24-25).

Para os jovens ativistas, ele empregou uma metáfora e humor: a distinção escravo da casa/escravo do campo, para analisar a luta em Selma. Enquanto o primeiro identifica-se com o senhor de escravo, o segundo lhe desejava o mal, inclusive o incêndio de sua casa e sua morte. Essa distinção, Malcolm X insistiu, ainda existia no interior da comunidade negra. Quanto a ele próprio, “eu sou um negro do campo”, com todas as implicações que vinham dessa identificação. A analogia não deixou de ser captada pelo público. Como o *Herald Tribune*, de Nova York, reportou:

seu discurso foi longo e eloquente e claramente incomodou as pessoas que organizavam a campanha para o registro dos eleitores. Malcolm X não questionou explicitamente a doutrina da não-violência do dr. King, mas ele disse “as pessoas brancas devem agradecer a Deus que o dr. King está dizendo a essas pessoas para serem amáveis e não-violentas, que ele está segurando-as”. A jovem multidão aplaudiu repetidamente, e

por horas depois outros oradores tentaram dissipar o calor que Malcolm havia produzido.³⁵

Depois de seu discurso, Malcolm X falou brevemente com as esposas de MLK e Abernathy, que vieram para ver seus maridos na prisão. À Coretta Scott King, há relatos de que ele teria dito:

Senhora King, a senhora poderia dizer ao dr. King que planejei visita-lo na prisão? Não conseguirei agora [...] Quero que o dr. King saiba que não vim a Selma para dificultar o trabalho dele. Eu realmente vim pensando que poderia facilita-lo. Se as pessoas brancas se derem conta qual seria a alternativa, talvez elas estejam mais dispostas a ouvir o dr. King".³⁶

Se é incerto se o discurso *The Ballot or the Bullet* foi uma tentativa consciente de Malcolm X de ajudar e incitar a ameaça "ou-eu-ou-eles" da *Letter from Birmingham Jail*, sua intervenção em Selma, diferentemente, é inequívoca. Ela conscientemente procurou ativar a práxis não-violenta de MLK. Tenha Malcolm X lido ou não a carta de Birmingham, a mensagem não poderia ser mais clara.

A breve aparição de Malcolm X em Selma", especula Gary May, "pode ter tido o efeito almejado por ele, uma vez que dois dias depois LBJ mudou sua atitude" (May, 2013, p. 69). Em 6 de fevereiro, George Reedy, seu assessor de imprensa, "anunciou que o presidente planejava solicitar ao Congresso que aprovasse a lei sobre os direitos eleitorais naquela sessão e que o vice-presidente Humphrey e o Procurador-Geral em exercício Nicholas Katzenbach encontrariam King na terça-feira, 9 de fevereiro" (May, 2013, p. 69).³⁷ Até então, LBJ tinha afirmado

³⁵ The Militant, February 15, 1965.

³⁶ Civil Rights Movement Veterans, "Malcolm X Speaks in Selma".

³⁷ A intervenção de Malcolm X recebeu apenas uma sentença em Garrow (1978, p. 51), sendo claramente inconveniente para sua tese de que a tática não-violenta do SCLC foi determinante para o resultado.

que tentar passar a lei sobre os direitos eleitorais pelo Congresso seria inútil e que ele tinha outras prioridades legislativas.

Em 21 de fevereiro de 1965, Malcolm X foi assassinado enquanto discursava em Nova York. Especulações sobre a cumplicidade do governo federal só podem ser isso, especulações, até que todos os documentos relevantes se tornem públicos.³⁸ Certamente, nenhuma lágrima foi derramada na Casa Branca, no Departamento de Justiça ou no FBI, quando chegaram as notícias de sua morte. Um suspiro coletivo de alívio foi possivelmente a resposta mais provável. Por outro lado, a reação de John Lewis, que esteve no funeral, era mais instrutiva: “eu tinha minhas diferenças com ele, é claro, mas sem dúvidas ele articulou, melhor do que qualquer outra pessoa – incluindo o dr. King – o rancor e a frustração dos negros americanos”.³⁹ Lewis provavelmente reconheceu que a ausência daquela voz permitiria que os governantes dos Estados Unidos dormissem um pouco mais confortavelmente e, portanto, estariam sob menos pressão para fazerem concessões a esse caminho não-violento.

No mês seguinte à visita de Malcolm X, Selma forneceu duas outras imagens marcantes do MDC. Uma foi em 10 de fevereiro de 1965, com o bando de Clark agredindo os manifestantes com cacetetes e chicotes, e depois usando ferrões de gado para dispersá-los. Dias depois, a polícia atirou à queima roupa no estômago de um manifestante, que eventualmente faleceu: Jimmie Lee Jackson, o primeiro mártir da campanha. A outra imagem marcante foi quando aqueles que estavam na marcha tentaram, no dia 7 de março de 1965, cruzar a ponte Edmund Pettus, de Selma para Montgomery, 50 milhas dali. A ação ficou conhecida como “*Bloody Sunday* [Domingo Sangrento]”, por motivos óbvios. Em cavalos, carros e a pé o bando de Clark golpeou brutalmente com cacetetes e chicotes não apenas

³⁸ Para a discussão mais detalhada sobre sua morte e a especulação em torno dela, ver Marable (2011), capítulos 15 e 16.

³⁹ Civil Rights Movement Veterans, “Tension Escalates.”

os manifestantes que recuavam para a Capela Brown, mas quaisquer negros que encontrassem pelo caminho. Dentre as 600 pessoas que participaram da marcha, 100 ficaram gravemente feridas, incluindo John Lewis, que era uma das lideranças do cortejo pacífico. Na igreja, ainda sangrando pelos golpes sofridos, ele gritou aos companheiros feridos e a apoiadores “eu não sei como o presidente Johnson pode enviar tropas para o Vietnã [...] e não pode enviar tropas para Selma, Alabama” – palavras que foram publicadas no *New York Times*.⁴⁰

Parte do terror do dia 7 de março foi capturado pelas câmeras e logo visto em todo o mundo. Quase no mesmo momento, as tropas estadunidenses pousavam pela primeira vez no Vietnã, para “levar democracia” para lá – imagens que conflitavam profundamente com aquelas vindas de Selma. Um grande problema de relações públicas para o governo de LBJ, que, sem surpresas, pressionou MLK para não organizar outra marcha em resposta ao “*Bloody Sunday*”. Mas o chamado nacional já havia sido feito e apoiadores e simpatizantes da campanha em Selma começaram a chegar na cidade para marcharem novamente. Um deles, James Reeb, pastor Unitário-universalista branco, de Boston, tornou-se o segundo mártir da campanha, nas mãos de um grupo de delinquentes racistas. Apesar de MLK ter efetivamente cancelado a marcha – encenando apenas uma simbólica, para a decepção e irritação de muitos – a indignação em todo o país e internacionalmente diante da brutalidade na ponte Pettus levou a atos massivos em outros lugares, especialmente no sábado, 13 de março:

na maior manifestação da história do Harlem, 25 mil pessoas marcharam hoje em apoio aos *freedom fighters* de Selma, Alabama. O sentimento praticamente unânime do ato era crítico a LBJ por não enviar policiais federais ou tropas para o Alabama. O tema mais comum nos slogans dos cartazes dos manifestantes reivindicava a retirada das tropas estadunidenses do Vietnã e

⁴⁰ Civil Rights Movement Veterans, “The March to Montgomery.”

o envio delas para o Alabama [...] “Saíam de Saigon, vão para Selma”.⁴¹

Apesar da primeira manifestação “oficial” de massas contra a Guerra do Vietnã ocorrer um mês depois, em Washington, D.C., retrospectivamente, a Marcha do Harlem foi, de fato, a primeira de tais manifestações.

Dois dias depois, em 15 de março de 1965, LBJ foi ao Congresso para propor o que todos sabiam que ele deveria fazer sob tais circunstâncias, por motivos domésticos e internacionais. A terceira sentença de sua mensagem, transmitida nacionalmente pela televisão, deixava claro o porquê ele estava lá:

por vezes, história e destino encontram-se em um único momento, em um único lugar, para conformar um ponto de inflexão na incessante busca do homem por liberdade. Foi dessa forma em Lexington e em Concord. Foi dessa forma, um século atrás, em Appomattox. Foi dessa forma, semana passada, em Selma, Alabama.⁴²

Ele submeteria agora ao Congresso uma lei para impor um direito constitucional dos negros: o direito ao voto – que o CRA, de 1964, havia fracassado em garantir. A razão, como ele pedagogicamente explicou e detalhou – o que os manifestantes de Selma sabiam muito bem –, estava na corrida de obstáculos que impedia que os negros se tornassem eleitores. A lei seria elaborada para superar tais barreiras. Para não deixar dúvidas sobre seu verdadeiro objetivo, ele alertou os manifestantes de que, a despeito do fato de que suas ações “foram concebidas para chamar a atenção para as injustiças, provocar a

⁴¹ *The Militant*, 22 de março, p. 8.

⁴² Ver <http://www.civilrights.org/voting-rights/vra/johnson-speech.html?referrer=https://www.google.com/>

mudança e fomentar reformas”, seu direito à “liberdade de expressão não traz consigo o direito de inflamar teatros lotados [ou]... bloquear o tráfego em vias públicas... [ou] infringir o direito constitucional de seus vizinhos”.⁴³ E caso os manifestantes se tornem ainda mais conflituosos, eles devem estar cientes de que “nós iremos nos proteger contra a violência, sabendo que ela tira de nossas mãos as próprias armas com as quais buscamos progresso, obediência à lei e fé nos valores americanos”.⁴⁴ Uma vez que a verdadeira violência havia sido aquela da polícia e de seus capangas racistas, o que o mundo todo havia visto, LBJ tinha de parecer imparcial em suas advertências. Ele alertou que “nós não aceitaremos a paz de direitos sufocados, ou a ordem imposta pelo medo, ou a união que sufoca manifestações. A paz não pode ser obtida às custas da liberdade”.⁴⁵ LBJ ousada e estrategicamente, ainda que nem sempre tenha sido convincente (pelo menos para alguns de nós), evocou o hino do MDC, “We Shall Overcome” – o que é o mais lembrado de seu discurso.

A despeito de toda a encenação daquele momento, os verdadeiros protagonistas haviam sido os manifestantes em Selma e a resposta brutal que provocaram da polícia; que apontava para a possibilidade da alternativa “por-quaisquer-meios-necessários”, de Malcolm X, cada vez mais atraente aos manifestantes, especialmente aos mais jovens – foi isso que motivou a proposta de LBJ. Da mesma maneira que seu predecessor, em 11 de julho de 1963, LBJ viu a luz porque sentiu o calor do movimento nas ruas. Novamente, como aconteceu com JFK, as considerações internacionais constavam significativamente em seus cálculos.

Se LBJ pensou que seu discurso histórico convenceu o MDC a parar com suas marchas, ele calculou errado. Uma semana depois, em 21 de março de 1965, um dos momentos mais memoráveis do MDC ocorreu. Trezentos manifestantes saíram de Selma para completar o

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Ibid.

caminho que foi a eles negado no “*Bloody Sunday*”, a Marcha de Selma a Montgomery. Os organizadores sabiam que para que a proposta de Johnson fosse implementada, a Casa Branca e o Congresso teriam de ser pressionados. A marcha de 50 milhas era mais do que simbólica, era outro alerta aos governantes estadunidenses de que os negros e seus apoiadores estavam preparados para ir às ruas, caso fosse necessário. Apesar do ato produzir outra mártir, Viola Liuzzo – novamente, pelas mãos de delinquentes racistas –, ele atingiu seu objetivo quando chegou em Montgomery, cinco dias depois, contra a vontade do governador do Alabama George Wallace e LBJ. Assim, a luta por liberdade de reunião, lançada em 2 de janeiro, necessária para a luta pelo direito ao voto, foi finalmente conquistada em 25 de março, menos de 3 meses depois, no único local onde poderia ter acontecido: nas rodovias e ruas do Alabama. Nesse percurso, os negros americanos, no Alabama e em outros lugares, ganharam um novo sentido de confiança e autorrespeito, cruciais para as lutas que estavam por vir.

Algo que começou a se difundir naquele momento e é muito relevante para essa discussão foi o movimento *Deacons for Defense and Justice* [Diaconos pela Defesa e Justiça]. Fundado em Louisiana, em 1964, o propósito da organização era oferecer uma defesa armada para os trabalhadores dos direitos civis. Seções foram montadas em outros lugares, com a intensificação da violência racista contra os negros e seus apoiadores que tentassem testar a efetividade do CRA de 1964.⁴⁶ Muitos de seus líderes, como Robert Williams, haviam sido veteranos negros da Segunda Guerra Mundial. Os Deacons trabalharam junto ao CORE. Em janeiro de 1965, essa relação se aprofundou:

pela primeira vez no Sul, representantes de uma organização nacional pelos direitos civis, atuaram na criação de um grupo

⁴⁶ “Divisões de defesa negra estão se espalhando pelo sul” era a manchete da primeira página do *Militant* de 14 de junho de 1965. Ver Cobb Jr. (2014), cap. 6, para mais detalhes. Bermanzohn (2000) também argumenta sobre a importância da autodefesa armada, mas não menciona os Deacons.

com o propósito explícito de proporcionar autodefesa armada [...] À época da convenção de julho de 1965 do CORE [...] o Comitê de Constituição e Resolução da organização parecia preparado para revogar seu compromisso com a não-violência (Cobb Jr., 2014, p. 202-203).

Para agentes à paisana do FBI, os Deacons provavelmente pareciam o fantasma de Malcolm X.

Não se sabe se o movimento foi ou não de alguma forma determinante para tanto, mas em 6 de agosto de 1965, o Congresso aprovou a proposta de LBJ, na metade do tempo que levou para aprovar o CRA. O presidente assinou o VRA naquela data. Nada é mais revelador das intenções da classe dominante na implementação do VRA do que o que LBJ disse a MLK, na assinatura da lei: “passando ao dr. King [uma das canetas para assinatura], Johnson [...] disse a ele que seu trabalho agora estava feito, que o tempo das manifestações havia acabado” (May, 2013, p. 39).

Conclusão

Se o governo de LBJ pensou que a ausência de Malcolm X e o VRA garantiriam a tranquilidade doméstica, logo se deu conta do contrário. Menos de uma semana depois da assinatura do VRA, Watts, bairro negro de Los Angeles, explodiu. Foi a maior agitação civil da história dos Estados Unidos desde os Distúrbios do Recrutamento, durante a guerra civil, em 1863, em Nova York, e resultou na morte de 55 pessoas, a maioria negros, nas mãos da polícia e do exército estadunidense, além da destruição de US\$ 1 bilhão em propriedades. Profeticamente, Malcolm X, duas semanas antes de seu assassinato em fevereiro, declarou: “1965 provavelmente será o verão mais longo, quente e sangrento já visto nos Estados Unidos desde o início da revolução negra” (Malcolm X, 2005, p. 39). Watts foi o começo do segundo (ou terceiro, se contarmos Birmingham) do

que veio a ser chamado de “os longos verões quentes”, terminando com o assassinato de MLK, em 1968. Eles constituíram o problema doméstico mais importante para os governantes estadunidenses, na segunda metade de 1960. Acompanhando essas rebeliões, estava outro acontecimento ameaçador: elas começavam a ecoar no Vietnã. Soldados afro-americanos lá começaram a se questionar quem eram seus verdadeiros inimigos: os vietnamitas ou “o homem” [“the man”]? A palavra de ordem contra a guerra “vietnamita algum jamais me chamou de *nigger*”, cada vez mais popular, registrava a ressonância desse sentimento no fronte doméstico.

A despeito da dificuldade para demonstrar isso, estou convencido de que a ameaça contínua de mais rebeliões e de seus ecos no Vietnã contribuem muito para explicar as ações de um presidente republicano que nunca se destacou na contribuição com a agenda do MDC. Ainda mais comprometido com a Guerra do Vietnã do que LBJ, Richard Nixon fez mais para implementar tal agenda do que qualquer outro presidente desde então, incluindo o atual ocupante da Casa Branca. Como Doug McAdam argumenta em sua convincente análise do período: “as evidências analisadas aqui fornecem apoio consistente à perspectiva de que as rebeliões urbanas entre meados e fins dos anos 1960 ajudaram a estimular um padrão reativo favorável nas políticas federais em um amplo conjunto de áreas de interesse dos negros” (McAdam, 1999, p. 222).⁴⁷ Os governantes estadunidenses não poderiam arcar com uma luta internacional, se no âmbito doméstico “as ruas” continuassem violentas.

Esse estudo não é a primeira análise do MDC que indica o papel desempenhado pela violência, ou ameaça de violência, para o seu sucesso.⁴⁸ Philip Klinkner e Rogers Smith fizeram o mesmo quase duas

⁴⁷ Para um apoio mais quantitativo à afirmação de McAdam, ver Richard Fording (2001, p. 115-130)

⁴⁸ A noção de Herbert Haine de “efeitos do flanco radical” afirma que as forças “radicais” podem possibilitar a agenda dos “moderados” nos movimentos sociais. Sua própria pesquisa sobre o MDC, especificamente entre 1954-1970, pretende medir tais efeitos

décadas atrás. De maneira similar a essa análise, eles argumentaram que a arena internacional da Guerra Fria figurava significativamente para a explicação das concessões que os governantes estadunidenses estavam dispostos a fazer. Entretanto, no melhor dos casos, fica em segundo plano na análise deles a agência do próprio movimento, que efetivamente concentrou as preocupações da classe dominante, e sua consciência sobre a violência, particularmente como a tática “ou-eu-ou-eles” de MLK foi contraposta à retórica do “por quaisquer meios necessários” de Malcolm X – apoiados pela rebelião urbana que teve início em Birmingham, em 10 e 11 de 1963. No final de um volume que, apesar disso, é informativo, eles listam “medidas que podem reviver a debilitada marcha do país rumo à justiça racial” (Klinkner; Smith, 1999, p. 242-287, 347-351). Infelizmente, e de maneira reveladora, eles deixam escapar o que foi decisivo para as conquistas “rumo à justiça racial” entre 1963 e 1969: os protestos não-violentos massivos nas ruas e a ameaça de violência que acompanharam tais mobilizações. Sobre a violência desorganizada – os levantes e rebeliões –, está além dos objetivos limitados desse artigo indicar como e em que medida foram determinantes – além do fato óbvio de que a ameaça de violência apenas pode ser crível se ela se manifestar ocasionalmente. Pode-se argumentar que, ao menos para a aprovação do CRA e do VRA, o foco dessa investigação, a decisiva noite de sábado, 10 e 11 de maio de 1963, em Birmingham, e as manifestações que se seguiram logo depois em outros lugares – os “fogos da frustração e da discórdia” de JFK, que estavam “queimando em todas as cidades” – tiveram um forte peso nos cálculos da elite dominante.

Ao argumentar sobre uma conexão MLK-Malcolm X na explicação do sucesso do MDC, não reivindico que os dois estavam

através da análise das “reações dos brancos”, avaliadas a partir “do financiamento de organizações pelos direitos civis” durante esse período. Tal medida não consegue captar o que tentei aqui fazer: compreender como as elites governantes responderam às ações radicais ou às ameaças. Ver Haine (1988).

em um caminho convergente nos últimos anos de suas vidas.⁴⁹ Não há evidências de que MLK apreciou a intervenção de Malcolm X em Selma. Na verdade, parece ter se oposto a ela.⁵⁰ O que é certo é que se MLK, em sua carta na prisão em Birmingham, foi o primeiro a levantar a ideia da ameaça da violência como ajuda e incentivo para o MDC, Malcolm X, atuando como em uma frente única, conscientemente trabalhou com tal perspectiva – tudo sob os olhos e, sem dúvidas, consternação dos governantes estadunidenses.

Quando o presidente Obama se dirigiu ao encontro que celebrava o quinquagésimo aniversário da Marcha em Washington, em 28 de agosto de 2013, ele reconheceu a importância de protestar, o que deu a ele a possibilidade de ser o mais recente ocupante da Casa Branca. Mas ele sugeriu que não é mais possível ou necessário mobilizações na escala do que foi feito em 1963: “talvez nunca duplicaremos as crescentes multidões e o espetacular cortejo daquele distante dia”.⁵¹ Mais importante, ele saudou, foram aqueles que “marcharam” individualmente todos os dias como pais, professores e “empresários”.⁵² Diferentemente do desencorajamento das manifestações de massas do presidente Obama e da similar advertência de LBJ durante a assinatura da VRA, a juventude de hoje, felizmente, não apenas em Ferguson, mas em outros lugares do mundo, algumas delas inspiradas pelo MDC, não estão pessimistas quanto as mobilizações políticas de massas – como atos recentes mostraram. Muitos sabem de alguma forma – talvez um legado inconsciente daquele período – e corretamente que não somente mudanças reais (o que talvez eles entendam como a instalação de um novo sistema operacional e não apenas de um novo aplicativo), mas também direitos democráticos básicos, se efetivam apenas quando as

⁴⁹ Chris Hedges (2010, p. 184) afirma que estavam.

⁵⁰ Ver Jack Barnes (2010, p. 127-129).

⁵¹ Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2015/03/07/remarks-president-50th-anniversary-selma-montgomery-marches>.

⁵² Ibid.

massas vão às ruas, o que ocorre com uma potencial ameaça de violência – o que Birmingham e Selma ensinaram. Há alguma dúvida de que a rápida detenção de um policial em North Charleston, Carolina do Sul, que foi filmado executando sumariamente Walter Scott, em 4 de abril de 2015 e, posteriormente, o indiciamento de seis outros policiais, em Baltimore, Maryland, pelo assassinato de Freddie Gray, em 19 de abril de 2015, foram graças a mini-rebeliões, respectivamente, em agosto de 2014, em Ferguson, e em 25 de abril de 2015, em Baltimore? Que não se compreenda que essa conclusão deixa as portas abertas à violência gratuita. Não deixa. Aqueles que buscam transformar todo protesto pacificamente organizado em ação violenta cometem o mesmo pecado do pacifismo, a conversão de uma tática – nesse caso, a violência – em uma estratégia.

Auxiliar a rebeldia juvenil em sua busca não apenas por direitos civis e humanos, mas, mais importante, por igualdade social, é uma incumbência daqueles entre nós que tiveram o privilégio de viver e aprender com os momentos iniciais da Segunda Reconstrução. Para tanto, é preciso garantir que aquela história seja lembrada de maneira precisa e não da maneira como alguém, como o presidente Obama, gostaria que o fosse.

Referências bibliográficas

Amar, Akhil Reed. *America's Constitution: A Biography*. New York: Random House, 2006.

Anderson, Devery. *Emmett Till: The Murder that Shocked the World and Propelled the Civil Rights Movement*. Jackson, MS: University Press of Mississippi, 2015.

Barnes, Jack. *Malcolm X, Black Liberation & the Road to Workers Power*. Nova York: Pathfinder Press, 2010.

Bermanzohn, Sally Avery. "Violence, Nonviolence, and the Civil Rights Movement". *New Political Science*, n. 22, vol. 1, 2000.

- Branch, Taylor. *Pillar of Fire: America in the King Years, 1963-65*. New York: Simon & Schuster, 1998.
- Bryant, Nick. *The Bystander: John F. Kennedy and the Struggle for Black Equality*. New York: Basic Books, 2006.
- Chong, Dennis. *Collective Action and the Civil Rights Movement*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- Cobb Jr., Charles E. *This Nonviolent Stuff 'll Get You Killed: How Guns Made the Civil Rights Movement Possible*. New York: Basic Books, 2014.
- Cone, James. *Martin & Malcolm & America: A Dream or a Nightmare*. New York: Orbis Books, 1992.
- Egerton, Douglas R. *The Wars of Reconstruction: The Brief, Violent History of America's Most Progressive Era*. Bloomsbury Press, 2014.
- Eskew, Glenn T. *But for Birmingham: The Local and National Movements in the Civil Rights Struggle*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1997.
- Euchner, Charles. *Nobody Turn Me Around: A People's History of the 1963 March on Washington*. Boston: Beacon Press, 2010.
- Fording, Richard. "The Political Response to Black Insurgency: A Critical Test of Competing Theories of the State". *American Political Science Review*, n. 95, v. 1, 2001.
- Garrow, David J. *Protest at Selma: Martin Luther King, Jr., and the Voting Rights Act of 1965*. New Haven: Yale University Press, 1978.
- Gleijeses, Piero. *Conflicting Missions: Havana, Washington and Africa, 1959-1976*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002.
- Haines, Herbert. *Black Radicals and the Civil Rights Movement: 1954-1970*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1988.

- Hedges, Chris. *Death of the Liberal Class*. Nova York: Nation Books, 2010.
- Klinkner, Philip A.; Smith, Rogers. *The Unsteady March: The Rise and Decline of Racial Equality in America*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- Malcolm X. *February 1965: The Final Speeches*. New York: Pathfinder Press, 2005.
- Marable, Manning. *Malcolm X: A Life of Reinvention*. Nova York: Viking, 2011.
- May, Gary. *Bending Toward Justice: The Voting Rights Act and the Transformation of American Democracy*. New York: Basic Books, 2013.
- McAdam, Doug. *Political Process and the Development of Black Insurgency, 1930 – 1970*. Chicago: University of Chicago, 1999.
- McAdam, Doug. *Political Process and the Development of Black Insurgency, 1930-1970*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- McWhorter, Diane. *Carry Me Home: Birmingham, Alabama, The Climatic Battle of the Civil Rights Revolution*. New York: Simon & Schuster, 2001.
- Payne, Charles; Larson, Steve F. *Debating the Civil Rights Movement, 1945 – 1968*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2006.
- Purdum, Todd S. *An Idea Whose Time Has Come: Two Presidents, Two Parties, and the Battle for the Civil Rights Act of 1964*. New York: Henry Holt, 2014.
- Reitan, Ruth. *The Rise and Decline of an Alliance: Cuba and African - Americans in the 1960s*. East Lansing: Michigan State University Press, 1999.

Rice, Condoleeza. *A Memoir of My Extraordinary, Ordinary Family and Me*. New York: Crown, 2010.

Risen, Clay. *The Bill of the Century : The Epic Battle for the Civil Rights Act*. New York: Bloomsbury Press, 2014.

Sitkoff, Harvard. *The Struggle for Black Equality, 1954 – 1980*. New York: Hill and Wang, 1981.

Tyson, Timothy B. *Radio Free Dixie: Robert F. Williams & the Roots of Black Power*. Chapel Hill, NC: The University of North Carolina Press, 1999.

Williams, Robert F. *Negroes With Guns* (Detroit: Wayne State University Press, 1998), p. xxvii.